

Modernismo e Pós-Modernismo: Comentários ao Tema no Livro de Michael Peters

15 de setembro de 2023

Paulo Roberto Martins Cunha
Curso de Bacharelado em Filosofia
Universidade Federal do Pará
cunha.paulo@gmail.com

Resumo:

Este trabalho acadêmico contém uma síntese dos tópicos “modernismo e pós-modernismo”, presente no livro de Michael Peters intitulado “Pós-estruturalismo e filosofia da diferença”, em seu capítulo 2. Contém uma breve historiografia dos conceitos de Modernismo e Pós-modernismo em movimentos artísticos, literários, arquitetônicos, históricos e principalmente filosóficos. Este trabalho foi redigido no âmbito da disciplina Tópicos de Filosofia Contemporânea, no quarto semestre do curso de Bacharelado em Filosofia da UFPA.

Palavras-chave:

Modernismo; Pós-modernismo; Filosofia contemporânea; Filosofia ocidental.

1 Introdução

O texto de Michael Peters (2000), já em sua introdução, apresenta uma observação importante sobre a confusão que usualmente tem sido feita entre os termos **pós-modernismo** e **pós-estruturalismo**. Ressalta ainda que o ponto fundamental que diferencia essas duas correntes é o contraste entre os *objetos teóricos* de cada uma delas. Neste sentido o pós-modernismo toma como seu objeto teórico o “modernismo”, enquanto o pós-estruturalismo tem no “estruturalismo” seu objeto de análise, sendo cada um desses movimentos marcados pelas tentativas de superação de seus respectivos antecessores.

2 Modernismo e Pós-modernismo

O autor se preocupa em dar sentido preciso aos conceitos envolvidos. Ao se ocupar do termo “modernismo”, duas possíveis acepções são postas em destaque: a) Modernismo como o conjunto dos movimentos artísticos de meados do final do século XIX; e b) Modernismo como referência *histórica e filosófica* ao termo “moderno”, indicando “modernidade” ou seja, período que sucede o período medieval.

Os dois sentidos guardam correlação através da ideia que veiculam de que o modernismo seria uma *ruptura autoconsciente* com o “velho”, o “clássico” e o “tradicional”, impondo ênfase no “novo” e no “presente”. Subjacente a esta concepção está o juízo de valor de que o “moderno” seria melhor que o clássico e o tradicional, justamente por romper com o “velho” e porque historicamente no tempo um é o sucessor do outro, pressupondo um conceito de progresso na história. Do ponto de vista da Filosofia, o pensamento elaborado nas obras de Bacon e Descartes balizam o que se poderia chamar de início do período moderno.

2.1 Modernismo nas artes

O rompimento deliberado daqueles artistas do final do século XIX com estilos baseados em métodos clássicos e tradicionais, no campo das artes, vai definir o termo modernismo no primeiro sentido, período no qual o “clássico” e o “tradicional” da época eram caracterizados pelos pressupostos ligados ao *realismo* e ao *naturalismo*.

Esta ruptura possuía como pressuposto a criação da “novidade”, assim como um desligamento da “tradição”, um rompimento com o “progresso” e construção de um conhecimento baseado na “soberania do sujeito” sem apelos a uma “suposta objetividade”, dando importância aos “fluxos de consciência”, à “consciência vivida”, ao tempo interno e a uma memória baseada em processos narrativos.

2.2 Modernismo na filosofia

Na filosofia, o Modernismo é marcado pela crença no avanço do conhecimento, desenvolvido por meio da experiência e do método científico, tal como se dá, de forma culminante, na filosofia crítica kantiana. Para Peters (2000, p. 12), o Modernismo filosófico pressupunha que o avanço do conhecimento se dá pela submissão das “crenças tradicionais” à “operação da crítica”.

Segundo uma citação feita por Peters (2000, p. 13), o método crítico kantiano seria, em seu intento de criticar o “próprio instrumento da crítica”, uma forma de “enraizamento” ainda mais firme de si mesmo em sua área de competência, ao invés de uma tentativa de subversão da mesma. Em outra citação, Peters (2000, p. 13) vai apontar também o pensamento moderno sendo caracterizado pelo questionamento realizado pelos artistas e pensadores da época sobre nossas “certezas culturais”, especialmente sobre as concepções de “eu” adotadas até então.

2.3 Pós-modernismo na filosofia

O termo “pós-modernismo”, quando se refere à filosofia, representa uma “mudança radical no sistema de valores e práticas subjacentes à modernidade” (PETERS, 2000, p. 14)

2.4 O Pós-modernismo e outros movimentos

Peters (2000, p. 15) vai notar que os primeiros registros do termo “pós-moderno” são aplicados primeiramente na arquitetura, sendo seguida pela história, sociologia, literatura e finalmente nas artes que as utiliza como uma reação contra o modernismo.

É interessante notar a referência que o autor faz ao sentido do termo “estruturalismo” como uma forma de poética ou de crítica literária e de uma “análise linguística do discurso”, a qual haveria de substituir o “modelo humanista” que fazia a interpretação de textos como uma expressão imanente do seu autor. Ainda neste sentido, o modelo linguístico permitia uma forma de análise dita científica, na forma de um sistema de diferenças no qual não haveria quaisquer termos positivos, dando origem a uma “ciência das estruturas” que passaria a “abalar” os pressupostos humanistas e românticos da *intencionalidade*, da *criatividade* e de *autoria*.

O autor ressalta que o sentido para os termos “modernismo” e “pós-modernismo” são instáveis e não estão, de modo algum, fixados, tendo havido mudanças ao longo da história em função da atividade teórica de então que *criou* novos significados e interpretações. O autor vai ainda afirmar que “não existe qualquer fechamento em torno de uma definição única”, seus “significados” seriam sempre questionáveis e abertos a interpretações no sentido de permitir àqueles que estudem esses movimentos tornar tais termos produtivos (PETERS, 2000, p. 16).

De forma surpreendente, Peters argumenta ainda que o discurso teórico inerente a este movimento se esgota quando essas definições e significados tornam-se fixos.

Como forma de tentar caracterizar um movimento cujo discurso teórico inerente a si mesmo se esgota quando suas definições e significados tornam-se fixos, Peters (2000, p. 16), citando um estudioso que fala da aplicação do Pós-modernismo às “ciências humanas” em geral, sugere que o seu conhecimento pode se dar por meio de dois *pressupostos centrais*, quais sejam: primeiro a inexistência de qualquer “denominador comum”, seja ele “Deus”, “natureza”, “verdade” ou “o futuro” a partir dos quais seja possível garantir uma *Unicidade* do mundo ou mesmo da possibilidade de um pensamento natural ou objetivo¹.

Em seguida, autor vai citar outro estudioso que faz a interlocução entre o pós-modernismo e a filosofia política quando este registra a denuncia feita pelo pós-modernismo da forma utilizada pelas democracias liberais de *binários conceituais* para a construção da identidade política e a operacionalização dos valores básicos. Tais fronteiras entre os termos seriam socialmente reproduzidas e policiadas pelo sistema. Peters, na sequência, vai salientar que “ambos os estudiosos tendem a tratar o pós-modernismo como sinônimo de pós-estruturalismo” ou a usar o termo “pós-estruturalismo” como o termo mais amplo e abrangente.

2.5 O Pós-estruturalismo

O pós-estruturalismo tem seu início na França dos anos 60, cujas fontes de inspiração estão em Nietzsche e Heidegger. Por outro lado, o pós-modernismo teria surgido de fontes ligadas ao alto modernismo estético, da história da *avant-garde* artística ocidental e do experimentalismo artístico que se seguiram à crise da representação que produziu como resultado movimentos como o cubismo, dadaísmo e o surrealismo.

Outras fontes, ligadas ao crescente processo de abstração, com as quais o pós-modernismo se relaciona são: suprematismo, construtivismo, expressionismo abstrato, minimalismo e o completo abandono da preocupação estética como no conceitualismo das obras de Andy Warhol e Josef Beuys.

Jean-François Lyotard, um pós-estruturalista, escreve uma das mais influentes conceituações de pós-modernismo. Em sua obra “A condição pós-moderna” analisou a situação do conhecimento nas sociedades mais avançadas como rupturas com várias formas tradicionalmente “modernas” de ver o mundo. Segundo sua definição, “moderna” seria toda ciência que, para se legitimar, recorre explicitamente a algum “grande relato” como dialética do espírito, hermenêutica do sentido, emancipação do sujeito racional ou tabalhador ou o desenvolvimento da riqueza.

Sua definição de *pós-moderno* é simplesmente a “incredulidade em relação aos metarrelatos”. Para Lyotard, as grandes narrativas são “histórias que as culturas contam sobre suas próprias práticas e crenças, com a finalidade de legitimá-las”. São suas fontes para esta definição Daniel Bell, Alain Touraine, Ihab Hassan, Michel Benamou e Charles Caramello, e M.

¹Consideramos relevante registrar que a subtração da possibilidade de um pensamento natural ou objetivo também poderia ser aplicado, no contexto da abordagem citada pelo autor, ao próprio conceito de pós-modernismo, afetando sua possibilidade de expressar “verdades”, uma vez que o próprio conceito de “verdade” também é um dos pressupostos de não existência como forma objetiva, transformando o conceito de pós-modernismo em pura *subjetividade* e em um puro *relativismo*, à semelhança de uma espécie de *solipsismo*.

Köhler. Tais fontes combinam análises de transformações na organização econômica e social das sociedades avançadas com análises de mudanças na cultura.

Lyotard reúne sob uma mesma análise narrativa elementos antes considerados de forma separada, como o econômico (pós-industrial) e o cultural (pós-moderno). Ele sugere uma homologia estrutural entre mudanças nos modos econômicos e mudanças nos modos culturais, sem prioridades entre ambos (Peters 2000).

Para Lyotard, o pós-modernismo não é o macador do fim do modernismo, mas sim uma outra forma de relação com o modernismo, sugerindo que o pós-modernismo, como movimento nas artes, é uma continuação do modernismo por outros meios, na busca por um experimentalismo novo e uma nova *avant-garde* neste campo.

Bibliografia

M. Peters, *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.